

ALEXANDRE M. FLORES

ROMEU CORREIA

O HOMEM E O ESCRITOR



BIB 111 ✓

ALEXANDRE M. FLORES

ROMEU CORREIA

O HOMEM E O ESCRITOR

Publicação comemorativa
para assinalar a passagem do
70.º aniversário do seu nas-
cimento



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

821.134.3.09
COR, R / FLO, A

ALEXANDRE M. FLORES

ROMEU CORREIA

O HOMEM E O ESCRITOR



108873

O.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

FICHA TÉCNICA:

Autor: Alexandre M. Flores

Título: ROMEU CORREIA: O Homem e o Escritor

Edição: Câmara Municipal de Almada

Data: Novembro de 1987 (1.ª edição)

Fotografia: Estúdios Jovibela

Fotocomposição: Comonta — Fotocomposição e Montagem, Lda.

Montagem: Marco Bravo

Composição, impressão e acabamento: Rolimpre, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal da Biblioteca Nacional: 18674/87.

Tiragem: 2.000 exemplares

Capa: o escritor Romeu Correia

Contracapa: extracto do original do próximo romance

APRESENTAÇÃO

A Câmara Municipal de Almada tem vindo a divulgar, através da edição de livros, de exposições diversas, de visitas guiadas e por outros meios, aspectos culturais das actividades das gentes que nesta área habitam desde há séculos e milénios .

E como a cultura é feita de todo o passado da vida humana, do presente e da perspectivação do futuro que estamos a construir, pensa a Câmara Municipal ser correcto e justo afirmar que a publicação da obra Romeu Correia: o Homem e o Escritor é também um acto cultural que se insere na sua linha de preservação e divulgação do nosso património.

Até porque o homem que nela ao mesmo tempo se procura homenagear é um cidadão exemplarmente culto que em Almada nasceu, cresceu, muito absorveu ao humus social em que com empenhamento se embrenhou e, depois, recriando a sua mundividência, devolveu sob formas de arte e literatura aos seus compatriotas.

É rica a obra literária que a todos nós Romeu Correia legou — e vai criando — no decorrer de anos de abnegação e dádiva a que, felizmente, já nos habituou.

A Câmara Municipal de Almada orgulha-se de ter entre os seus munícipes um tal escritor.

Sobre a sua actividade criadora — de dramaturgo, de romancista, como contador de histórias, orador, dinamizador e desportista — se debruça o investigador incansável que é Alexandre Magno Flores. Mas não ficará mal nesta apresentação — e que a modéstia do dramaturgo nos perdoe — dizer que Romeu Correia, além dos vários prémios literários que mereceu e lhe foram atribuídos, é sócio honorário e de mérito de vários clubes desportivos e colectividades de cultura e recreio em Portugal e no Brasil.

Romeu Correia possui a Medalha de Ouro da Cidade de Almada e, ao outorgar-lha, a Câmara Municipal não fez mais do que reconhecer um dever e cumpri-lo.

É também neste sentido que a presente homenagem deve ser entendida.

17 de Novembro de 1987

A Câmara Municipal de Almada

PREFÁCIO

Falar de Romeu Correia — o homem e o escritor — é uma tarefa apaixonante, mas algo difícil.

Homem simples, meigo no sorriso quase infantil, na doçura expressiva dos seus olhos. Por vezes *orgulhoso*, de trato oscilante entre uma natural afabilidade e uma aparente rudeza, é vibrátil na sua timidez, onde a tristeza e a alegria se entrelaçam, envergonhadas. Quem não se lembra das gargalhadas dos ouvintes quando o escritor conta as histórias vividas e imaginadas no seu pequeno mundo? Quem não aprecia o seu poder da palavra onde se alia à linguagem gestual, como prestidigitador da comunicação?

Quando precisamos de analisar ou transpôr esse homem para a figura de escritor notável que é, afigura-se-nos uma tarefa complexa.

Romeu Correia está na literatura por vocação. É um escritor que escreve de dentro para fora, não de fora para dentro. Ele sofre sempre um período de gestação em cada trabalho, e só depois começa a escrever. Comove-se com a obra entre mãos, vive-a intensamente, e aos poucos ergue-a, amorosamente... Daí que ele tenha uma grande paixão por todos os livros que escreve, uns com mais sorte do que outros. O dramaturgo Bernardo Santareno afirmava, numa homenagem ao autor: «eu admiro e admirarei sempre a obra de Romeu Correia. Muitas e muitas vezes, diante de uma página de ficção ou desta ou daquela cena duma nova peça do nosso autor, saiu de mim com quase estranheza esta pergunta: como é que Romeu Correia foi capaz de escrever isto? Mas foi. E, constatando-o, eu fico mais orgulhoso com a nossa velha amizade. O que aconteceu com Romeu Correia é maravilhoso: sem estudos nem sequer liceais, campeão no desporto e figura popular no ambiente especial do meio desportivo da época, nada aparentemente anunciava o escritor que Romeu Correia veio a ser. Só para quem o conhecia de perto, a sua profunda sensibilidade, o seu medo exagerado de amar e sofrer, a sua viva e enternecida capacidade de ver a vida à sua volta. Cada uma das suas vivências, as mais quotidianas, vulgares ou mesmo miseráveis, era logo, e cada vez mais, ampliada, completada, sonhada até ser um protesto, um grito, um gesto grotesco do amor dos pobres, um desejo violento de mudar, de transformar o

mundo e a vida. Assim nasceu o escritor. Contra tudo e contra todos. Com uma necessidade imperiosa de testemunhar, de intervir no mundo. Arranjou ferramenta, aprendeu penosamente a manejá-la, leu, estudou, viveu, viu viver, amou muito, desprezou-se muitas vezes, teve pena de si próprio muitas vezes, outras vezes libertou-se e libertou infelizes à sua volta, escreveu, rasgou, tornou a escrever, tornou a rasgar e... venceu! Com suor honrado, sem ajudas de ninguém, com essa coisa rara e deslumbrante a que chamamos *talento*. Coisa rara, difícil e delicada» (1).

Escreve para testemunhar a vida e os problemas do seu tempo. É quase uma necessidade de sobreviver e de ser amado. É uma maneira de estar na vida, de *falar* com o público leitor. Habitou-se a criar fora do lar, nos *cafés*, mergulhado num *biombo de som* à sua volta, o mundo das suas personagens, prenhes de conflitos, fixando em páginas de beleza, a vida observada e sentida.

Desde a sua estreia literária em *Sábado Sem Sol* (1947), Romeu Correia com a sua natural vocação e coerência, foi aperfeiçoando o seu ofício da arte de escrever novelas, contos, peças teatrais, crônicas. Um poeta na prosa dos seus romances ou nos diálogos do seu teatro.

A sua singularidade literária não está numa escrita *barroca*, nem na abordagem de temas alheios ou na *novidade* de estrutura textual. A *originalidade* está na voz do povo — o âmago da sua admiração, com a qual se identificou e a que se orgulha pertencer. O *instinto* de saber mergulhar, com coragem e transparência, na história das gentes da *Outra Banda* com quem conviveu. O próprio autor quando agradeceu o Prémio Ricardo Malheiros — 1976, que lhe foi entregue pelo presidente da Academia das Ciências, pronunciou as seguintes palavras: «(...) fui testemunha e partícipe dos trabalhos forçados da grande maioria do povo deste País, e isso nunca eu o poderia esquecer ao pegar na pena para elaborar as minhas histórias ou meus dramas. Meio século de espectáculo, por vezes tão degradante, de pequenas e grandes injustiças e atropelos de classe, sentidos até na própria carne, constituíu pois — e constitui ainda — alfobre de temas e de figuras que a Sociedade me impôs, com severa prioridade, para os meus trabalhos. Nunca poderia enveredar, portanto, sem traição de consciência (e de classe, pois então!), por caminhos ínvios, cuidando de gentes e de lugares doutros quadrantes, alheios, sem dúvida, à minha sensibilidade e ao meu coração. O concelho de Almada, torrão que me foi berço e de que, pela vida fora, jamais me aparteí, indentificando-me com o seu latejar quotidiano, é quase sempre o cenário físico onde animo os conflitos sociais

(1) Discurso proferido na Incrível Almadense, aquando da atribuição da Medalha de Ouro da Cidade a Romeu Correia (3.07.1978).

da minha novelística ou do meu teatro. Raro desloco a objectiva para outras paisagens, embora o meu ofício e a minha imaginação exercitada me tentem, de quando em vez, apartar-me de tantos mundos que me são queridos» (1).

Romeu Correia tem sido *classificado* por alguns críticos literários como um escritor populista. Fernando Mendonça é categórico: «o facto de Romeu Correia utilizar o povo, o seu romanceiro, os fantoches ou o colorido da alma popular não lhe confere fisionomia populista» (2). O autor faz parte daquela plêiade de dramaturgos, dos quais se destacam: Luís Francisco Rebelo, Bernardo Santareno e Luís Sttau Monteiro que a partir do pós-guerra procuraram imprimir ao teatro português uma orientação realista de estrutura mais imaginativa.

Ficcionista cuja obra está profundamente marcada por traços de uma personalidade original. Escreveu *Trapo Azul*, *Calamento*, *Gandaia*, *Desporto-Rei*, *Bonecos de Luz*, *O Tritão* — romances que suscitaram da parte da crítica as seguintes palavras: «é um dos poucos escritores portugueses com alguma coisa que dizer e com coragem de dizer quanto vê, quanto pensa, quanto sonha» (3).

Como dramaturgo, tem sido um dos autores mais representados, quer por amadores, quer por equipas profissionais. A carreira dramática de Romeu Correia tem vindo a caracterizar-se por uma aplicada coerência. Todo o nosso país conhece as peças teatrais: *Casaco de Fogo*, *O Vagabundo das Mãos de Oiro*, *Jangada*, *Bocage*, *Laurinda*, *Céu da Minha Rua*, *O Cravo Espanhol*, *Roberta*, *Grito no Outono*, *As Quatro Estações*, *Tempos Díficeis*, *O Andarilho das Sete Partidas*, entre outras. Um dramaturgo seguro do seu ofício de recriador do quotidiano imaginado e autêntico, de maravilhoso e vulgar, de artificioso e real —, só Romeu Correia seria capaz de escrever peças como *O Vagabundo das Mãos de Oiro*, *Bocage*, *O Andarilho das Sete Partidas*.

Contador de histórias, romancista, dramaturgo, coloquiador admirável, dinamizador cultural, ele é também a memória falada do passado próximo e remoto das gentes da *Outra Banda*. Eis um *retrato* de Romeu Correia como homem e escritor, esboçado por Bernardo Santareno: «o sangue, o suor, a miséria, a luta, o orgulho e a independência das gentes da *Outra Banda* correm em páginas e páginas belíssimas e tensas de entranhado amor, em toda a obra de Romeu Correia. Sendo uma grande figura da cultura nacional, Romeu Correia é, pela vontade, pelo coração e pelas vísceras, o escritor de Almada. As suas

(1) «Jornal de Almada», Almada, 28 Outubro 1977.

(2) *Para o estudo do teatro em Portugal: 1946-1966*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Brasil, 1971, p. 54.

(3) Maria Leonor Carvalho Buescu — *Apontamentos de Literatura Portuguesa*. Porto Editora, p. 205.

personagens — no romance, no conto, no teatro — conhecem-nas Portugal inteiro mas com o povo de Almada trata-as por tu, acotovela-se nas ruas com elas, viaja nos barcos do Tejo com elas, sabe-lhes a história toda, sofreu com elas, lutou lado a lado com elas, viu-as morrer, assistiu-lhes ao nascimento. (...) O homem que hoje aqui homenageamos é autor de pelo menos duas obras-primas da literatura portuguesa de todos os tempos — *O Vagabundo das Mãos de Oiro* e *Bonecos de Luz*. Não me é preciso ser profeta para lhes garantir que, passados que sejam os anos sempre perturbadores da aparência e vencida definitivamente a época da mentira e do olvídio que ainda vivemos, Romeu Correia será uma figura internacional que para sempre nos honrará, a nós seus semelhantes, e ao país que é nosso e dele.

«Aqui nas terras de Almada, nasceu, viveu, sofreu, amou, trabalhou e trabalhou e mais uma vez trabalhou, quase sempre incompreendido, um homem chamado Romeu Correia cujo nome nunca mais morrerá...» (1).

Homem com fiéis admiradores, legenda viva, direi mais, uma *figura lendária* de que Almada e suas gentes legitimamente se orgulham, Romeu Correia merece o respeito, a admiração, o nosso reconhecimento. O nosso amor.

Oxalá que este ensaio literário e bibliográfico (do que se disse e escreveu sobre o autor), agora encetado, abra à literatura portuguesa outros trabalhos mais aprofundados sobre a vida e a obra de Romeu Correia.

Alexandre M. Flores

(1) *Romeu Correia visto por Bernardo Santareno*. «Jornal de Almada», Almada (1416), 14 Julho 1978.

I PARTE

ROMEU CORREIA

O DRAMATURGO

Quando se fala de Romeu Correia, o dramaturgo, não é justo esquecer o homem, o cidadão de Almada. Um artista que viveu no meio do seu povo, junto da margem do rio Tejo com as suas tradições, vicissitudes e vivências associativas.

O teatro foi sempre uma das suas grandes paixões e começou a escrever em 1938, algumas farsas carnavalescas para espectáculos das colectividades. Muito antes de editar o seu primeiro romance, ainda quando praticava desporto, foi amador teatral e fez representar *Razão*, um drama da sua lavra, em Almada. Era a sua aprendizagem da carpintaria teatral. Outras experiências se seguiram. Espectador assíduo das casas de espectáculo, em especial, o Teatro-Estúdio do Salitre, Romeu Correia foi tomando contacto com novas estéticas.

Algumas peças suas são representadas pelo Grupo de Amadores da Sociedade Guilherme Cossoul, onde conheceu, entre outros, Jacinto Ramos, Raul Solnado, Varela Silva, José Viana — então, todos amadores. Foi aí que Romeu Correia se *preparou*, assim como nas sociedades de cultura e recreio de Almada, onde a sua formação se adquiriu em contacto com a comunidade. Romeu Correia, empregado do Banco Nacional Ultramarino, desabafava há uns quinze anos atrás: «Se pudesse dispôr de 24 horas em cada dia, não ia estudar teatro para o estrangeiro, ia percorrer as nossas aldeias, sobretudo as do Norte e aprender com o povo desses lugares... Devemos procurar conhecer as nossas raízes, para que a nossa explicação seja autêntica.

«Sei que isto me tem custado ser apodado de *populista*, pouco profundo, etc.. Mas acho que não devemos voltar as costas às nossas autênticas (e ignoradas) raízes para irmos atrás de padrões alheios e de quimeras... que pouco ou nada servem para a maioria do nosso público tão pouco evoluído» (1).

A representação das três peças em um acto, *Laurinda*, *Desporto-Rei* e *As Cinco Vogais*, pelo Grupo de Amadores da Sociedade Gui-

(1) *Romeu Correia: o autor vivo mais representado*. Entrevista recolhida por Afonso Praça. «Flama», Lisboa, A.28 (1244), 7 Janeiro 1972, p. 28.

Iherme Cossoul, animou o autor a tentar um trabalho mais criativo, de maior fôlego. E daí, nasceu *Casaco de Fogo*.

A carreira dramática de Romeu Correia — sustenta o ensaísta J. A. Osório Mateus — «que, por circunstâncias várias, acontece ser um dos escritores de teatro portugueses mais insistentemente representados — tem vindo a caracterizar-se, ao longo de mais de vinte anos de duração, por uma aplicada coerência e uma evidente e denunciada procura de estilo que o autor e certa crítica facilmente chamariam (e chamaram...) de «popular». Coerência que começa por ser uma muito apreciável qualidade, coerência que inclui assim uma busca que tem vindo a proceder por sucessivos desbastes e eliminações no propósito de regresso a uma mais ou menos mítica pureza original de um «teatro do povo». Coerência que comporta alguns equívocos de que *Roberta* será talvez o exemplo mais flagrante.

«O teatro de Romeu Correia» — observa-nos ainda Osório Mateus — «pressupõe sempre a existência de dois “teatros”: um, muito — e mal — frequentado, produto de *modas e correntes estéticas de importação, que muitas vezes nos agrilhoam ao efémero, quando não a raízes e linguagens alheias* (Romeu Correia, “Elogio do Fantoche”, in *Roberta*, p. 5); o outro, implicitamente oposto ao “efémero”, terreno fértil e virgem a explorar, é o lugar puro, encruzilhada de caminhos autóctones e populares, entrevisto com filtros vários de amores trazidos da infância. A sucessão de peças de Romeu Correia abre caminho, é evidente, na segunda zona, e nela só pretende emergir, afastando-se progressivamente das nefastas e variadas águas do primeiro terreno que, a exemplo do Mar Vermelho, supõe possível de serem arredadas. Daí um porfiado recurso a formas dramáticas “primitivas” e “populares”: a cegada, o melodrama da feira, o teatro de fantoches» (1).

Na obra teatral de Romeu Correia sente-se o palco, onde acontecem tão fascinantes e variadas coisas como na própria vida. O teatro é, por natureza, a mais social de todas as artes, uma vez que confronta conjuntos humanos e obriga o público a uma participação activa. Romeu Correia conseguiu «exprimir os conflitos sociais integrando-os no que há de ritual poético no melhor teatro» (2). «... Um dramaturgo que não foge a si próprio. Para Romeu Correia o teatro terá de entregar ao espectador a possibilidade de se descobrir um pouco a si próprio, de este levar para casa um sentido de solidão ou de convívio, de justiça, de humanidade, de esperança ou de angústia. Além desta comunica-

(1) *Escrita de Teatro* (in «Fantasmas e Robertos»). Lisboa: Livraria Bertrand, pp. 165 a 173.

(2) Mário Sacramento: *Há uma estética neo-realista?* Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1968, p. 83.

ção actor-autor-espectador o teatro é também condição poética, anseio, espelho que reflecte uma posição humana e artística, uma tomada de sonho e de ideal, uma entrega de ânimo. E é tudo isto que tem o teatro de Romeu Correia, alargado a uma experiência onde ele e o povo são, enternecedoramente, infatigáveis autores» ⁽¹⁾.

Ler uma peça da sua autoria é sentir os personagens no palco. Como defende António José Saraiva: «a maior revelação teatral do neo-realismo está em Romeu Correia, autor de *O Vagabundo das Mãos de Ouro*. Desde a primeira página o leitor sente que as suas personagens vivem e contracenam» ⁽²⁾.

Ligado por razões estéticas mas também por razões humanas, sociais e políticas, ao neo-realismo, o ensaísta Carlos Porto observa — que o «teatro de Romeu Correia recusa-se, no entanto, à fixação num modelo rígido que aliás o neo-realismo não impõe. Por isso encontramos nesse teatro expressões dum realismo popular muito forte que se articulam com um imaginário igualmente forte.

«São vários os processos utilizados por Romeu Correia» — sustenta ainda C. Porto — «nessa articulação como são diversificadas as zonas sociais em que se inserem. Poucos no entanto serão os nossos dramaturgos que tenham conseguido ligar tão estreita e autenticamente as massas populares e as personagens que nelas se individualizam, que delas, ou de outras camadas sociais, sobressaiem: numas e noutras encontramos a mesma verdade radical e a mesma verdade teatral. Se Romeu Correia é um escritor de teatro, a sua escrita é em todas as circunstâncias a de um artista que reconhece no teatro uma forma de expressão específica que só existe na medida em que se transforma em realidade cénica. É daí, desse conhecimento primordial, que advém a enorme energia dramática deste teatro tantas vezes representado por companhias profissionais e por grupos amadores.

«Nem sempre, é certo, o teatro de Romeu Correia consegue superar certas debilidades de efabulação, certos circunstancialismos conflituais, o carácter excessivamente convencional que por vezes o marca. Nos seus melhores momentos, porém, essa obra opera e parece operante (nos textos ainda inéditos em palco), a um nível que o teatro português contemporâneo raramente atinge. Estamos a pensar em *Casaco de Fogo*, *O Vagabundo das Mãos de Ouro*, *Roberta*, *O Andarilho das Sete Partidas*, exemplos de encontro admirável de um dramaturgo com uma matéria muito densa que ele soube prospectar plasmando-a em vida teatral duma grande riqueza» ⁽³⁾.

⁽¹⁾ «O Ocidente», Lisboa, Junho 1963.

⁽²⁾ *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Pub. Europa-América, 1972, p. 269.

⁽³⁾ Programa do 10.º Festival de Teatro de Setúbal, organizado pelo Teatro de Animação de Setúbal, em homenagem a Romeu Correia (1985).